

Perfil

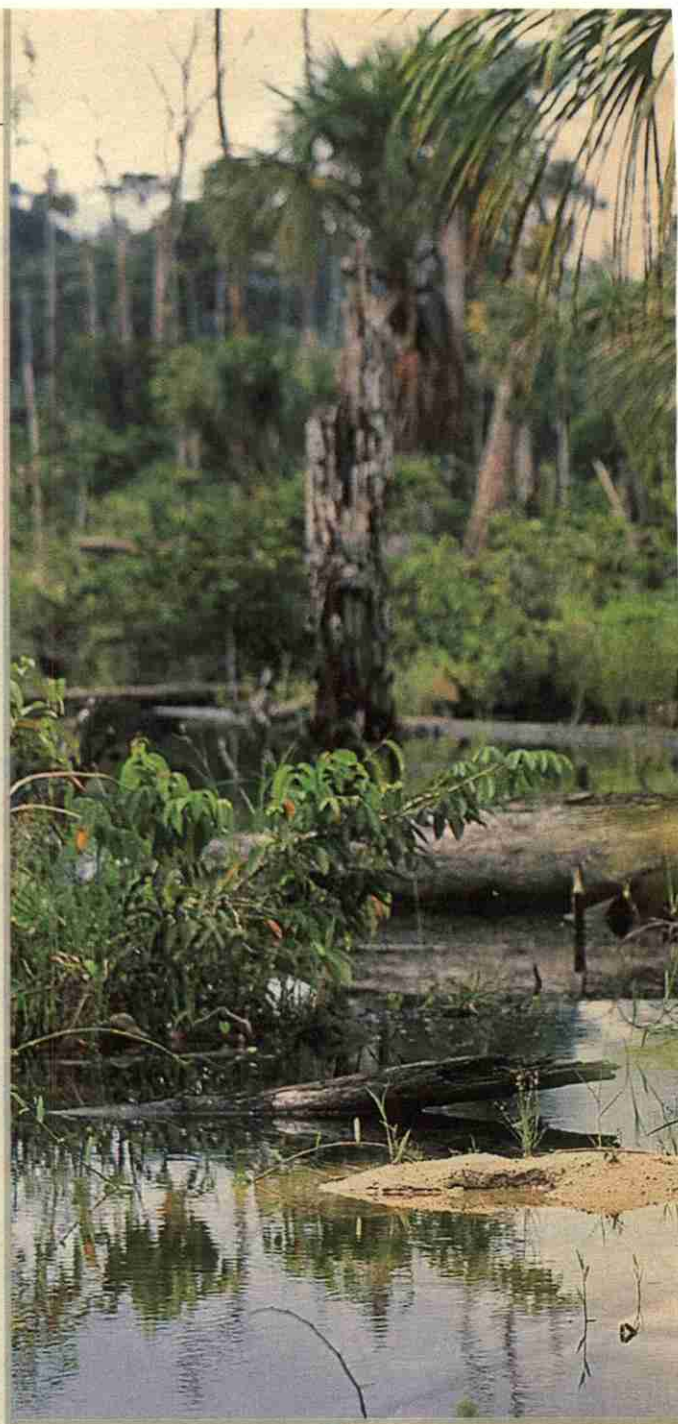
O inimigo número 1 do mosquito

Em Rondônia, Hildebrando Pereira tenta descobrir a vacina contra a malária

Esdras Paiva, de Porto Velho

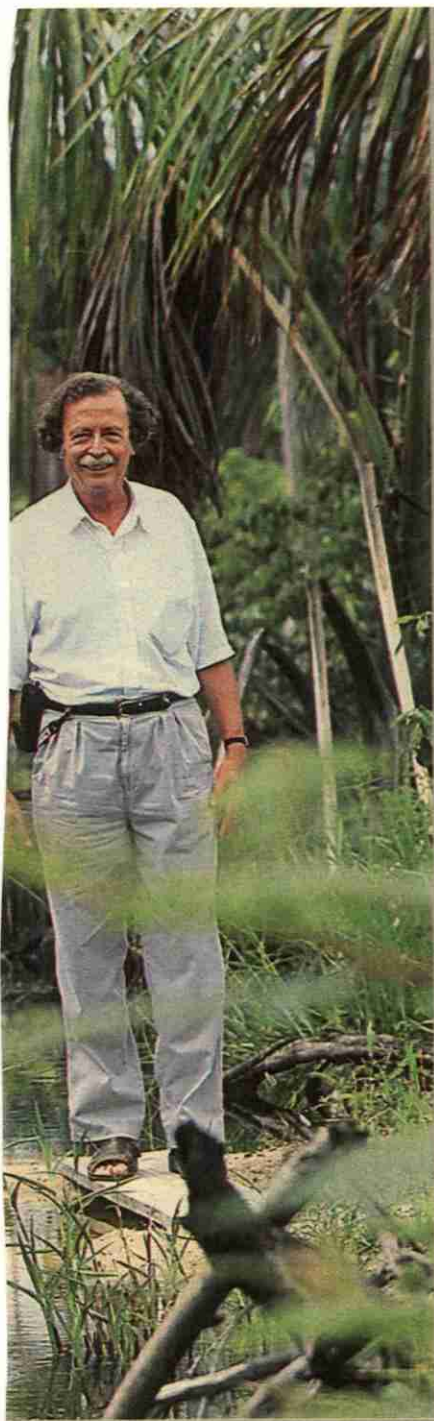
Quem vê aquele senhor com jeito de cientista maluco perambulando pela selva amazônica falando *ãnterréce*, assim mesmo, com sotaque francês, em vez de “interesse”, pode pensar que se trata de mais um gringo desse tipo que aparece para um trabalho de pesquisa na mata. Nada disso. O sotaque, o brasileiro Luiz Hildebrando Pereira da Silva, 69 anos, adquiriu nos trinta anos que viveu em Paris. O ar de cientista ele sempre teve — desde que se formou médico, na década de 50, na mesma turma do ex-ministro Adib Jatene. Em Paris, foi diretor durante vinte anos do festejado Instituto Pasteur, ganhava 5 500 dólares por mês, bebia vinho tinto à noite e freqüentava teatros e concertos. Morava num bom apartamento de três quartos, junto com sua terceira mulher, a pesquisadora francesa Cecile Wandersman, 50 anos, e seu quinto filho, de 15 anos. Agora, desde junho passado, o professor deixou a família na França e vive sozinho, numa modesta casa em Porto Velho, capital de Rondônia, na boca da floresta. Sob um calor de 40 graus, trocou o vinho pela caipirinha, carrega uma coleção de CDs de música erudita, toca ao piano peças de Beethoven e Ernesto Nazareth e continua na batalha de sua vida: descobrir a vacina contra a malária, que mata 6 000 brasileiros por ano, o dobro das mortes provocadas pela Aids no país.

Com quase 70 anos de idade, Hildebrando poderia ter pendurado as chuteiras, ao encerrar sua carreira no Instituto Pasteur e deixar às gerações seguintes a tarefa de guerrear contra a malária. Em vez disso, esse santista por acidente, que só nasceu na cidade porque o pai, engenheiro, trabalhava na construção do Porto de Santos, resolveu fazer concurso para professor titular do Departamento de Parasitologia da Universidade de São Paulo. Aprovado com louvor, propôs montar um centro de doenças tropicais onde elas realmente estão — no norte do país, especificamente em Rondônia, que é uma região endêmica e não tem até hoje nenhum centro sobre a doença. Há seis meses, mudou-se para Porto Velho. Planeja passar nove meses



na selva e três meses em Paris, com a família. “Se eu ficasse em Paris, iria cuidar de rosas e filhos”, diz Hildebrando. “E eles iriam me achar um chato”, completa.

Nos meios científicos, Hildebrando é tido como um dos melhores profissionais do mundo em sua área. Como alguns outros cientistas de sua geração, as circunstâncias políticas ajudaram a desenhar sua carreira. Ex-militante do Partido Comunista Brasileiro, dava aulas na Universidade de São Paulo em 1964, quando começou a recolher dinheiro entre os colegas e estudantes para ajudar os amigos demitidos. Foi denunciado à reitoria numa carta anônima, acabou demitido e embarcou para Paris. De volta ao Brasil quatro anos depois, foi cassado e preso no navio-prisão *Raul Soares*, ancorado na baía da cidade de Santos. Solto três meses depois, retomou seus trabalhos com genética molecular, em Paris, sob o comando de



ORLANDO BRITO

François Jacob, que ganhara o Nobel de Medicina em 1965. Entre as pipetas do laboratório, Hildebrando e Jacob comemoraram o Nobel bebendo champanhe. Foi no Instituto Pasteur que o cientista brasileiro se tornou uma referência mundial no campo da malária. Na perseguição militar, Hildebrando ainda teve seu passaporte confiscado em 1976, ficando três anos impedido de sair da França, e enfrentou um processo de cassação de sua nacionalidade, arquivado em 1984. A razão: aceitara emprego no exterior sem autorização do presidente da República.

Com cabelo desgrenhado, bigodes espessos, camisas invariavelmente amarrontadas e sandálias de couro nos pés, Hildebrando é uma figura singularíssima, num país onde os cientistas são poucos, maltratados e raramente ganham fama pelo mundo afora. "Ele me lembra o tipo do cientista missionário, como o alemão Albert Schweitzer, que

foi ser médico de leproso na África", diz o ministro José Israel Vargas, da Ciência e Tecnologia, seu amigo há décadas. No Pasteur, sua equipe descobriu cinco das quinze proteínas que podem levar à vacina contra a malária. Se conseguir chegar à vacina, Hildebrando estará evitando que dezenas de milhões de pessoas adoçam, um bom número delas nas regiões brasileiras mais pobres. Excetuando-se a África, o epicentro mundial da malária, com 110 milhões de casos por ano, o Brasil é o segundo país mais afetado do planeta, com 500 000 casos anuais, ficando atrás apenas da Índia, com cerca de 1 milhão de casos por ano.

Em Porto Velho, o cientista conseguiu instalar seu centro de estudos pela metade. É um prédio de 300 metros quadrados, com dez laboratórios. Já conseguiu meio milhão de dólares por ano e está levando médicos para trabalhar com sua equipe. Já reuniu dez. Faz seu pessoal entrar em campo e se embrenhar no meio da

mata para atender moradores e pretende ensinar os funcionários da Fundação Nacional de Saúde a identificar sintomas de outras doenças além da malária. Hildebrando é assim. Vai à luta com os instrumentos da ciência ou com uma bomba de Detefon. Em 1968, quando voltou para o Brasil para dar aulas na faculdade da USP em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, até ser demitido de novo um ano depois, preocupou-se com uma infestação de mosquitos na cidade e lutou contra eles com táticas de guerrilha — fez garrafas de coquetel molotov para jogar nos insetos. São garrafas cheias de combustível, tapadas com pano, ao qual se põe fogo. Provoca um incêndio explosivo e espetacular. Contra os focos de mosquitos em Ribeirão Preto, funcionou.

Hildebrando pega no pesado o dia inteiro, do microscópio ao balde de limpeza. Há um mês, fez seu primeiro seminário internacional em Porto Velho. Chamou três nomes graúdos de Paris, Marselha e Estocolmo e, quando viu que o piso do seu laboratório estava empoeirado para receber os convidados, pegou a vassoura e entregou-se à faxina. Levou seus colegas estrangeiros para passear de barco pelo Rio Madeira. Sob um calor insuportável, tirou a roupa e mergulhou de cueca no rio — levando junto o trio europeu branquelo.

O cientista já foi vítima de suas próprias pesquisas. Há três décadas, pegou a doença de Chagas e ficou dois meses de cama. Há três anos, contraiu malária durante uma viagem ao Senegal. Em Rondônia, vai trabalhar para reduzir a transmissão da malária ensinando as pessoas do lugar a fazer o diagnóstico da doença.

"O tratamento imediato reduz a transmissão a zero." Foi a ocupação desordenada de Rondônia, principalmente durante o período em que ela era encarada como uma das últimas fronteiras agrícolas brasileiras, que transformou o Estado num paraíso do mosquito anofelino, o tal que transmite a malária. "Se a região amazônica fosse habitada por suecos, a malária seria eliminada em 24 horas", diz o cientista. Mas, como a Amazônia é nossa, e não

Ele já enfrentou insetos com coquetel molotov e trocou Paris por Porto Velho: "Se a Amazônia fosse habitada por suecos, a malária seria eliminada em 24 horas"

dos suecos, lá está o professor Hildebrando na faina de montar seus laboratórios. A malária é a prioridade, mas também vai estudar hepatite, lepra e tuberculose. Já tem equipamentos sofisticados e um sonho, além de vencer a malária. "Vamos transformar esse centro em um dos melhores do mundo", diz. Em se tratando de quem promete, é bom levar a sério. Com a vida dedicada a guerrear o parasita, ele não se importa com bens, status, fama. É modesto feito um avestruz e não dá bola para dinheiro. Ganha 4 500 reais por mês da Universidade de São Paulo, quando poderia ganhar o triplo em qualquer laboratório privado, mas acha tudo besteira. "O que faria com tanto dinheiro?" É por isso que trocou o Arco do Triunfo, no coração de Paris, pela Vila Triunfo, pertinho de Porto Velho, onde instalou um posto avançado — ali, dos 5 000 habitantes do lugarejo, 2 000 tiveram malária no ano passado. ■